

DESTAQUES

Artigo sobre diálogo e convivência em comunidade de acadêmico de filosofia Fábio de Barros Silva da Universidade Federal de São João del Rei

INTER AÇÃO

ORGANIZAÇÃO

Alex Galvão Silva
[Coordenação]

Henrique de Barros
[Editor Cultural]

Pedro Lira Filho
[Editor Literário]

Filosofia Direito Cultura
Uma contribuição para a formação humana

Nº 01 Ano 01 Data 23/09/02
Teresina - Piauí / UFPI-CCHL

PROPOSTA INICIAL

Alex Galvão - Estudante de Direito [UFPI]

É papel da universidade não só reproduzir conhecimento, mas também contribuir para a formação de cidadãos através da construção de idéias. É nesse sentido que um grupo de alunos resolveu elaborar um periódico um verdadeiro canal para intercomunicação dessas idéias, que brotam da comunidade do Centro de Ciências Humanas e Letras.

Para cumprir essa função primordial, concretizada por meio do diálogo e do intercâmbio, surgiu o Interação, um periódico com circulação quinzenal, que deve contar com cerca de 200 exemplares, no início do projeto. O seu desenvolvimento prospectivo será vinculado à respectiva receptividade, podendo em breve ser expandido para todo o campus da Universidade Federal do Piauí, além de poder ainda constituir um instrumento para promover uma dinâmica maior no âmbito da pesquisa e, mais especificamente, da extensão através da promoção de eventos.

A sua elaboração editorial é tarefa do próprio grupo de alunos, mas como o periódico é um canal intersubjetivo, haverá uma ampla abertura para a participação de leitores, além de um espaço imprescindível ao corpo docente.

O Interação deve contar com uma página na Internet, ao lado da publicação impressa. Essa é uma preocupação constante do grupo: produzir um jornal interativo com um conteúdo agradável, flexível e que seja compatível com a realidade do jovem estudante das ciências humanas da UFPI.

Quanto à sua estrutura interna, há, a princípio, um referencial teórico que atende a grande parte do centro: abordagens sobre o direito, e sua dialética com a sociedade; a reflexão de alguns temas centrais da filosofia; uma análise da realidade política que nos cerca; um seção em que a serão divulgadas as produções literárias dos próprios alunos do CCHL; e finalmente um espaço onde serão analisadas as principais manifestações culturais contemporâneas.

É com o devido entusiasmo que esse projeto, fruto de muitos anseios dos estudantes, sai do papel, ou melhor, entra no papel e se torna realidade. Contamos com o apoio de todos. Vamos dialogar e construir idéias. Esse é o prazer do conhecimento.

FUNDAMENTOS ÉTICOS DO PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER

Fábio de Barros Silva - Estudante de Filosofia [FUNREI]

1. Introdução

Todos os estudiosos da obra e do pensamento de Emmanuel Mounier (1905-1950) são unânimes em afirmar que sua concepção de pessoa se fez à margem de uma intenção sistemática. A exposição do que o personalista francês chama de "estruturas do universo pessoal", ou melhor, "incidências diferentes sobre uma mesma realidade", fundamenta-se na análise do mundo edificado pela pessoa humana, o que descarta qualquer tentativa de compreensão técnico ou objetivista. A avaliação da dimensão ética do personalismo deve considerar, dentre os planos que compõem a vida pessoal, principalmente, a "abertura dialógica da pessoa" e a noção de liberdade, que conduz o debate ético à idéia de comunidade e de ação responsável, mesmo sabendo que o universo da pessoa não se desvela a partir de uma análise parcial de sua estrutura – não podemos nos esquecer que o homem está imerso numa realidade encarnada e na historicidade, e emerge na dimensão da liberdade, da comunicação e do transcender.

2. A abertura dialógica e a noção de comunidade

A presença do diálogo é marcante e acompanha o homem durante toda a vida. Ao contrário do que formulou Sartre (1905-1950), Mounier acredita nos aspectos positivos da intersubjetividade. Numa concepção negativa, me coloco de frente com outra pessoa e a encaro como encaro um objeto,

reduzindo sua dignidade e limitando sua ação, impedindo seu livre acesso ao espaço de sua realização pessoal. Mas, se ao contrário, reconheço o outro como pessoa não imponho limites e ofereço ao contato intersubjetivo o sentido de uma libertação. A partir disso, Mounier explicita o cisma existente entre o individualismo e o personalismo. Se aquele se preocupa em afirmar o centro individual, este pretende o inverso: "descentrá-lo para o colocar nas largas perspectivas abertas pela pessoa".

Entretanto, se Mounier eleva o caráter da abertura da pessoa, não o faz sem um aprofundamento sério dos conteúdos dos atos originais que preconizam o diálogo. É importante que a pessoa saia de si própria e se torne disponível, aprenda a compreender o ponto de vista alheio, assumo ou compactue, seja generoso e se entregue sem recompensa, e faça do diálogo um espaço para a afirmação de uma fidelidade criadora. Ainda assim, segundo Mounier, obstáculos colocados perante o desenvolvimento da dimensão dialógica devem ser superados. Que tipo de obstáculos são esses? Falta de total identidade com o outro, presença de algo que resiste à total reciprocidade, existência do espaço da indiscrição e a tendência de formação de egocentrismos em todo tipo de reunião.

Até aqui, pode-se destacar preceitos éticos presentes na vida pessoal, a partir da abertura comunicativa pautada na presença do amor. Tratar o outro com dignidade, fazer do diálogo um espaço de realização e de libertação, descentralizar-se sempre mais e criar à sua volta uma fidelidade criadora, são elementos de uma ética de cunho personalista. Mas o personalista francês não se deteve no esforço de levantamento do conteúdo ético capaz de dignificar a pessoa humana. À sua reflexão juntou-se uma preocupação com a situação espiritual de seu tempo, sacudido pelas grandes guerras e pelos desastres econômicos, circunstâncias que o levaram não só a se engajar na luta pela humanidade, como também a perpetrar uma revolução comunitária pautada na vocação intersubjetiva inerente ao homem. Por isso ele desenvolveu a noção de comunidade.

Poder-se-ia objetar, conforme indicou Mounier, que toda perspectiva comunitária se contrapõe à noção de pessoa. Contudo, não há nada mais errado. Não estamos falando de coletivismo devastador que se impõe e elimina as subjetividades no melhor estilo totalitário, mas de relações sociais que não se colocam como padrão ou modelo a toda humanidade. No entanto, para que a comunidade se consolide é preciso que cada pessoa se mantenha "virtualmente aberta à universalidade das pessoas" pois, quando isso não acontece, de um modo geral, o fechamento, o limite, tendem a surgir. Emerge daí a dificuldade de fundamentação do que Mounier chama de unidade de pessoas. Isso porque a idéia de unidade não pode ser entendida como identidade pois, assim, ela contemplará uma contradição entre o que é idêntico e a pessoa que é "aquilo que não pode ser repetido". Onde podemos então alicerçar a unidade? Segundo o filósofo francês, a partir de dois elementos complementares: a unidade da humanidade e a igualdade.

Fundada sobre a tradição judaico-cristã, a idéia de homens criados à imagem e semelhança de Deus suplanta todas as diferenças culturais, raciais, políticas, sociais, e coloca como substrato comum uma humanidade uma com "uma história e um destino coletivos, donde não pode ser separado nenhum destino individual". A unidade encontrada no seio do Cristianismo estendida a toda humanidade pode ser traduzida da seguinte forma: "um homem, mesmo diferente, mesmo degradado, é sempre um homem, a quem devemos permitir que viva como um homem".

Complementar à idéia de unidade humana, a noção de igualdade em Mounier ao mesmo tempo que distancia-se do individualismo, vincula-se a um apelo humano por organização e comunhão. Entretanto, é preciso ressaltar que a "organização só é viável para as pessoas, e no campo de estruturas dum universo de pessoas". Qual a razão para isso? O pensador explicou que os anseios totalitários impostos por um finalismo cego não liberta o homem, mas, ao contrário, promove o desapego à liberdade e faz das categorias massa e engrenagem o suporte para seus discursos e ações. "O totalitarismo escolheu bem o seu nome: não se totalitariza um mundo de pessoas".

3. Liberdade e ação

Toda aversão ao totalitarismo deve pressupor, obviamente, a defesa da liberdade. No universo totalitário, asseverou Mounier, um gosto passivo da

autoridade que tem mais a ver com a patologia de que com a teologia, cegas adesões às directrizes dos partidos, indiferença dócil das massas desorientadas, tudo nos denuncia a queda do homem livre: é preciso reconstituir a espécie por eles formada.

Que é então a liberdade para Mounier?

Segundo o pensador, a liberdade não é uma coisa e não é uma manifestação espontânea. Ao contrário, a liberdade é construída e conquistada incessantemente pela pessoa, a partir do momento em que ela escolhe ser livre. Segundo Mounier é impossível definir a liberdade como indeterminismo ou como condenação. A liberdade é conquistada com os determinismos; deve-se aceitar a liberdade como um dom. Recusá-la significa diminuir o espaço de realização da vida pessoal impedindo que a existência possua o sentido de uma libertação. Entretanto, a conquista da liberdade pressupõe um conjunto de situações concretas vividas pelo homem. O mundo e os valores antecedem a pessoa. Logo, não existe uma liberdade absoluta: "a liberdade do homem é a liberdade dum pessoa, desta pessoa, assim constituída e situada em si própria, no mundo e perante os valores". Há, portanto, condições para a ação livre. Aceitar a situação é uma delas. Assim o exercício do ato livre não é somente um exercício de escolha, de opção, mas também de adesão. "O homem livre é um homem que o mundo interroga e que responde; é o homem responsável".

Ora, a lei é também algo que determina o espaço livre da ação. Mounier compreendeu que o legal regido pela liberdade "é instrumento da nossa contínua libertação e da nossa progressiva agregação a um universo de pessoas morais". A ação responsável, e portanto moral, é mais um dos componentes da ética personalista. Contudo, toda ação pressupõe liberdade para agir, o que levou Mounier à elaboração de um esboço de teoria da ação, se traduz em quatro dimensões:

1) O fazer tem em vista o econômico e o industrial. Mas se o homem não se satisfaz somente fabricando, o economista deverá encontrar o complemento do fazer na política que, por sua vez, conduz o ato para o plano ético, fazendo emergir no mundo técnico o sentimento de dignidade no homem.

2) Agir significa se construir como unidade pessoal. Eis aí a razão pela qual a ação se liga inevitavelmente ao agir autêntico. Nesse sentido, se a técnica operacional nem sempre revela o universo pessoal, a presença personificada no agir, completa, necessariamente, a exigência do cálculo, pois, o homem age até pela qualidade de sua presença.

3) A ação contemplativa, o teorizar, visa estabelecer a perfeição e a universalidade aspirando um reino de valores válidos a toda humanidade. Exige o homem inteiro, porquanto muitas vezes ela assume o valor profético, acrescentando aos valores éticos, uma dimensão prática.

4) Por fim, a ação possui um plano comunitário, indispensável à humanização do mundo. No entanto, assegura Mounier, a humanização deve ser integral, ou seja, deve penetrar todas as esferas da vida pessoal e favorecer a realização da vocação para a comunhão que o homem possui.

3. Conclusão

Na medida em que Mounier expõe seu pensamento fica clara sua intenção de juntar pensamento e ação. Não foge da tentativa de elucidar o que seja o homem, como também não se esquivava da tarefa de edificar uma ética pautada, sobretudo, no respeito à pessoa humana. Elucidar o modo como Mounier tratou o totalitarismo como fenômeno histórico, político e ético, tomando como referência a idéia de vida pessoal elaborada a partir das estruturas mencionadas, constitui tarefa de importância para compreensão detalhada dos fundamentos éticos do personalismo.

Confira a bibliografia desse artigo no endereço www.interacaonaweb.hpg.com.br.

20º SALÃO DE HUMOR DO PIAUÍ

Henrique de Barros - Estudante de Direito [UFPI]

Agenda Cultural: ÉL, de: Millôr Fernandes. Direção: Camilo Átila. Com: Otávio Augusto e Elizabeth Savala. Data: 28/09 (21 horas) e 29/09 (20 horas). Local: Teatro 4 de Setembro. Os Salvados, de: Ací Campelo. Realização: Grupo Raízes do Teatro. Data: 24 e 25/09 (21 horas). Local: Teatro 4 de Setembro. Burrela, de: Plínio Marcos. Direção: Adalmir Miranda. Realização: Grupo Corpus de Teatro. Data: 26/09 (21 horas). Censura: 16 anos. Local: Teatro 4 de Setembro. Étnico. Direção: Valdemar Santos. Realização: Equilíbrio Companhia de Dança. Data: 27/09 (20 horas). Local: Teatro 4 de Setembro. Destaques: Mostra Fotográfica Imagens de Teresina. De: Aureliano Miller. Local: Clube dos Diários. Data: de 9 a 20 de Setembro.

Essa vai ser a programação do 20º Salão de Humor do Piauí, que foi adiado por uma semana. As suas atividades estarão concentradas no Complexo Cultural Teatro 4 de Setembro e está sendo realizado, ao mesmo estilo do ano passado com solenidade de abertura às 19:30 no Centro de Artesanato Mestre Dezinho.

Com um mês de duração - de 23 de setembro a 25 de outubro, o evento consistirá em amostras de trabalhos de profissionais de todo o país, bem como em palestras e debates. Na sua primeira semana de realização serão realizados diversos shows, a partir de seis horas da tarde.

Durante o evento, o informativo Interação estará exibindo um quadro geral de suas atividades.

INTERATIVIDADE

*Música [Avril Lavigne]

Com estilo mais descolado e com ar de rebelde, a cantora canadense Avril Lavigne, de 17 anos, é a nova sensação do rock juvenil. Seu CD de estréia Let Go já é segundo lugar das paradas americanas. O sucesso vem desbancar as estrelas patricinhas lideradas por Britney Spears, que estão dando sinais de decadência.

✿Livro [Os sete saberes necessários à educação do futuro]

Edgar Morin nesses 'sete saberes' lança um desafio cognitivo a todos os pensadores empenhados em repensar os rumos que as instituições educacionais terão de assumir, já que a educação do futuro exige um esforço transdisciplinar capaz de rejunta ciências e humanidades e romper com a oposição entre natureza e cultura. Confira esse importante texto do filósofo francês na BCCB, seção de Filosofia da Educação, CDD 370.1 e cutter M858s.

*Cinema [Sinais]

Depois de filmar O Sexto Sentido (2000) e Corpo Fechado (2001), o diretor indiano M. Night Shyamalan volta a explorar o sobrenatural em seu novo filme: Sinais. Nele, Mel Gibson interpreta um pastor que tem sua fé testada quando aparece misteriosos formações de círculos em seu milharal. A partir de então, vê a rotina de sua família transtornada pelo enigma.

extraído e adaptado da estação veja [\[www.veja.com.br\]](http://www.veja.com.br)

INTER-LETRAS

Pedro Filho - Estudante de Direito [UFPI]

Que é o homem? Pode-se dizer que é um corpo (ser) possuidor de alma, ou melhor, uma alma possuidora de um corpo(?). Para quem for religioso será a mais perfeita obra de um ser superior que rege o universo. Várias podem ser as definições.

Seria essa a grande diferença entre o homem e os outros mamíferos e demais animais? Alma!? Sabe-se que nossa espécie é aquela que mais deixa suas marcas em nosso planeta. Nossa história nos resume esta constatação.

Indo direto ao ponto, para muitos a maior invenção do homem é a escrita. E dela veio a literatura. Desde as escrituras nas grutas feitas pelos primórdios da espécie até os livros compostos em CD's e DVD's, as culturas dos diversos povos evoluíam e evoluem através das letras, em registros científicos e históricos, obras fíctícias, discursos, etc.. Com a literatura se contou a história do homem e do planeta, fez-se gente sonhar, divulgaram-se ideologias (que causaram revoluções, guerras), em suma, pelas letras o homem faz e grava a história. Partindo-se da Iliada e Odisséia, de A República, das peças teatrais gregas, a Bíblia, O Código de Hamurábi, as lendas do velho mundo, passando pela Canção da Ribeirinha, pelas cartas aos reis de Portugal e Espanha sobre o novo mundo, o Príncipe, Othelo, o Código Napoleônico, Madame Bovary e chegando ao Manifesto Comunista, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Macunaíma, My Kampf, Admirável Mundo Novo e A Jangada de Pedra, o homem mostrou a seus semelhantes seus sentimentos, idéias, medos, costumes, ideologia... sua existência.

Nosso trabalho, acredito falar pelo menos em parte por todos os membros de nosso grupo, também tem visões parecidas.

Somos estudantes, sonhadores, idealistas, inexperientes, desconhecidos, humanos. Estamos aqui para mostrar aquilo que pensamos sobre partes do mundo e achamos que todos podem tal. Esta é uma seção de literatura, não para falar de Bilac, Drummond, Eça, Camões, Dobar, Torquato, Sheldon, Sun Tzu, mas de quem também quer mostrar seu trabalho, sua qualidade, sem manufatura da grande mídia, sem manipulação, um trabalho de alma e não comercial.

A função à qual nos propomos é a divulgação daqueles que nos enviarem seus trabalhos em forma de poesia, artigos, contos, ensaios, além de nos falar sobre sua pessoa, o que faz, pensa, pretende com a obra, para podermos divulgar além do trabalho de qualidade seu autor e renovar nossa literatura, pelo menos naquilo em que atingirmos. Contate-nos via e-mail em royhess@ig.com.br e interacao.ufpi@ig.com.br e no CCHL da federal, sala 318, turno noite.

INTER-CONTATO

Esse espaço foi reservado especialmente para você leitor do periódico mais interativo da Universidade Federal do Piauí. Aqui você poderá comentar o que você leu. Se gostou ou não. Dar alguma sugestão. Além de indicar as nossas possíveis falhas. Esperamos poder contar com você.

Envie também o seu artigo. Teremos uma grande satisfação em publicá-lo e contribuir para a construção de idéias nas ciências humanas. Envie para o e-mail interacao.ufpi@ig.com.br ou visite a página www.interacaonaweb.hpg.com.br.